

MULHERES QUE AMAM DEMAIS: QUANDO AMAR ADOECE¹

Elenice Fávero Pereira*
Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente**
Tarcísio Concolato Greggio***

RESUMO

A ideia de que as mulheres amam demais, de que são vítimas preferenciais do sofrimento amoroso, está presente tanto na cultura e dramaturgia populares quanto na obra de alguns de nossos maiores romancistas e poetas. O feminino e o amor, temas frequentemente visitados por Freud ao longo de toda sua obra, foram, com igual interesse, retomados no ensino de Lacan e nos trabalhos de destacados psicanalistas contemporâneos. Optamos, neste artigo, por um caminho que, resgatando a segunda contribuição freudiana à psicologia do amor, nos ajude a entender a solução dada por Lacan, nos termos homem-sintoma e mulher-devastação, à assimetria entre as formas masculina e feminina de amar e à devastação do feminino no amor, posição amiúde ocupada pelas mulheres, mas não só pelas mulheres.

Palavras-chave: Devastação. Feminino. Degradação. Amar demais.

Entre o homem e o amor,/Há a mulher./ Entre o homem e a mulher,
Há o mundo./Entre o homem e o mundo, /Há um muro.
Antoine Tudal

1 INTRODUÇÃO

A ideia de que as mulheres são vítimas preferenciais do sofrimento amoroso parece atravessar séculos e não poupar culturas. Na busca da produção de algum saber sobre essa peculiar forma de vivência amorosa, ora dramática, ora intrigante,

¹ Artigo recebido em 3 de março de 2015 e aprovado em 20 de maio de 2015.

* Docente do CESJF, Mestre em Psicologia (CESJF). @: elenicefavelo@gmail.com

** Docente do CESJF, Mestre em Psicologia (CESJF). @: reginaprudente@pucminas.cesjf.br

*** Historiador, Mestre em História Social (UFRJ). @: tarcisiogreggio@hotmail.com

argumentam alguns que as mulheres são reféns do amor. Afinal, por que elas amam demais?

O que será que autorizou alguns dos nossos maiores romancistas e poetas a proclamarem, e até mesmo enaltecerem, essa forma do dinamismo feminino no enlace amoroso? Essa indagação é o objeto deste texto, que buscou na teoria psicanalítica, criada por Sigmund Freud e continuada por psicanalistas contemporâneos, uma tentativa de elucidação sobre esse modo de adoecer psíquico e mal-estar de existir, que enlaça as mulheres tão peculiarmente, constituindo-se, amiúde, na forma mesma de amar da mulher.

Destacamos que a questão do sofrimento amoroso demasiadamente vivenciado pelas mulheres acabou por fazer surgir grupos terapêuticos, como o MADA (Mulheres que Amam Demais Anônimas), os quais, além de promoverem ações terapêuticas e profiláticas, trabalham para a extinção ou cura dessa genuína forma de amar, sintoma que pode levar à ruína a vida de suas vítimas.

2 DESENVOLVIMENTO

A literatura psicanalítica é farta nesse sentido. Optamos, neste artigo, por um caminho que, resgatando a segunda contribuição freudiana à psicologia do amor, publicada sob o título de “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor” (FREUD, 1996a), ajude-nos a entender a solução dada por Jacques Lacan, nos termos homem-sintoma e mulher-devastação, à assimetria entre as formas masculina e feminina de amar e à devastação do feminino no amor, posição amiúde ocupada pelas mulheres, mas não só pelas mulheres.

Freud dá início ao referido texto com uma reflexão sobre a impotência psíquica; nesses casos, como costuma ocorrer em todas as perturbações neuróticas, os sintomas “[...] se originam por consequência de uma inibição na história do desenvolvimento da libido [...]” (FREUD, 1996a, p. 185-186), entendendo-se por libido a manifestação da pulsão sexual na vida psíquica.

Situando, portanto, a origem das neuroses no curso do desenvolvimento da libido, Freud dá sustentação ao nosso argumento de apresentar o ‘amar demais’ como uma perturbação neurótica devastadora. Além disso, em concordância com poetas, escritores

ou mesmo o senso comum, asseveramos que essa forma de sofrimento anímico, esse mal-estar, é tipicamente feminino, o que não exclui todos os homens e tampouco inclui todas as mulheres. Por outro lado, é tão caracteristicamente atribuído à mulher que torná-los inseparáveis não seria nenhum pecado estatístico.

No texto supracitado, ao escrever sobre as perturbações neuróticas advindas do desenvolvimento da libido, Freud adverte os leitores de que tais perturbações seriam efeito da falha na união entre duas correntes: a afetiva e a sensual. A união entre elas seria necessária para que se pudesse assegurar o que chamou de um “comportamento amoroso normal” (FREUD, 1996a, p. 187).

Relacionada aos membros da família e aos cuidadores da criança, a corrente afetiva, de acordo com Freud, é a mais antiga entre as duas, visto constituir-se nos primeiros anos da infância. Em virtude disso, essa corrente carrega, desde o início da vida, “[...] componentes de interesse erótico – que já se podem observar de forma mais ou menos clara na infância” (FREUD, 1996a, p. 185).

Desse modo, Freud situa a base do conflito neurótico em um processo não combinado, fracassado, entre a corrente afetiva e a sensual, processo este que já se pode observar na tenra infância e que corresponde à escolha primária de objeto pela criança.

A afeição demonstrada pelos pais e pelos cuidadores, ressalta Freud, jamais deixa de “[...] delatar sua natureza erótica [...]” (FREUD, 1996a, p. 185), desempenhando, por isso mesmo, um papel decisivo no desenvolvimento ulterior da vida psicoafetiva dos seres humanos. Em cada caso, é a ligação das correntes, afetiva e sensual, que decidirá as gradações do insucesso na localização da libido na realidade; de fato:

A libido defronta-se com obstáculos que [...] foram erigidos pela barreira contra o incesto; em consequência, se esforçará por transpor esses objetos que são, na realidade, inadequados, e encontrar um caminho, tão breve quanto possível, para outros objetos estranhos com os quais se possa levar uma verdadeira vida sexual. (FREUD, 1996a, p. 187).

Logo, no curso de seu desenvolvimento mesmo, que consiste em desviar-se de objetivos para conseguir objetos (corrente afetiva) e de desviar-se de objetos para preservar objetivos (corrente sensual), “A libido afasta-se da realidade [...]”, fixando-se preferencialmente em atividades imaginativas, das quais, na puberdade, o estímulo

masturbatório dará o melhor testemunho. Ademais, o “[...] obstáculo erguido contra o incesto [...] compele a libido, que se transferiu para esses objetos, a permanecer no inconsciente”. (FREUD, 1996a, p. 187).

De fato, o investimento libidinal, “[...] abortado na realidade [...], se completa agora na fantasia”. Em consequência dessa substituição, da restrição que “[...] se coloca na escolha do objeto [...], pode acontecer que a totalidade da sensualidade de um jovem se ligue a objetos incestuosos no inconsciente”, dando origem a fantasias incestuosas inconscientes, impedindo “[...] qualquer progresso na localização da libido da realidade” (FREUD, 1996a, p. 187 – 188).

De acordo com Freud, o fato de um homem encontrar, inconscientemente, rastros da mãe na amada — como ser uma mulher respeitada, por exemplo — passa a atuar como restrição à sua atividade sexual completa, de tal modo que ele só encontrará sua total potência sexual frente a um objeto depreciado. Ou seja, o homem “[...] assegura-se de prazer sexual completo apenas quando pode se dedicar sem reserva a obter satisfação, o que, com sua mulher bem educada não se atreve a realizar”. (FREUD, 1996a, p. 188).

Tal proposição freudiana, que anunciou a forma de degradação típica da vida amorosa dos homens, revela-nos que ali onde um homem ama e respeita, ele costuma não desejar; e, em seu sentido inverso, onde degrada e deprecia, torna possível que a corrente sensual advenha.

É essa a origem de sua necessidade de um objeto sexual depreciado, mulher a quem o homem dedica, na forma dos “componentes perversos de seus objetivos sexuais”, o máximo de sua potência sexual, ainda que amiúde toda a sua afeição pertença à outra mulher: Toda a esfera do amor do homem, conclui Freud, permanece então dividida: “Quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar”. (FREUD, 1996a, p. 188).

Ora, se há algo na natureza da pulsão sexual que é “desfavorável à sua satisfação completa” (FREUD, 1996a, p. 192), e se, em acréscimo, é possível discernir no amar “a expressão da aspiração sexual como um todo” (FREUD, 1996b, p. 138), seria oportuno analisar a impotência psíquica tendo em vista não a “extensão do conceito” ou as “gradações em sua sintomatologia”, mas o fato de que “[...] o comportamento amoroso dos homens [estará sempre marcado pelo] selo da impotência psíquica” (FREUD, 1996a, p. 190).

De fato, é comum que os homens “[...] procurem objetos que não precisem amar, de modo a manter sua sensualidade afastada dos objetos que amam [ao mesmo tempo em que realizam o melhor de sua potência quando diante de] um objeto sexual depreciado”. (FREUD, 1996a, p. 190-191).

Essa cisão entre o amor e o desejo sexual marca o encontro entre um homem e uma mulher, ou o desencontro, uma vez que, como lembra Freud, é naturalmente “[...] desvantajoso para uma mulher se um homem a procura sem sua potência plena como o é se a supervalorização inicial dela, quando enamorado, dá lugar a uma subvalorização depois de possuí-la”. (FREUD, 1996a, p. 191).

Desencontro também na medida em que o laço de amor que une um homem a uma mulher, quando marcado pela elevação do objeto amoroso à ideia de moça para casar ou futura mãe dos meus filhos, amiúde faz definhar o desejo sexual, caríssimo às mulheres – ser, para o outro, objeto causa de desejo.

Perder-se desse lugar para o homem de seu amor é perder-se de si mesma, é enfrentar o vazio do não ser amada. Em oposição a isso, surge o amar demais o seu homem, tentar retê-lo a qualquer preço, tornar sua relação com ele marcada por um amor ciumento, desconfiado e, porque não dizer, em muitas mulheres, agônico.

Por isso se diz, como lembra Marco Antônio Coutinho Jorge, autor de referência para os que se decidem pela psicanálise, que o “[...] homem parece chegar ao amor através do sexo, e a mulher, ao contrário, parece chegar ao sexo através do amor”. (2010, p. 168).

Em “Sobre o Narcisismo: uma introdução”, Freud escreve que “[...] o amor em si, na medida em que envolva anelo a privação, reduz a autoestima, ao passo que ser amado, ser conservado no amor e possuir o objeto amado, eleva-a mais uma vez” (FREUD, 1996c, p. 96); com efeito, “[...] para a mulher, ser amada é uma necessidade maior do que amar [...]” já que isto atua como uma “[...] compensação de sua inferioridade sexual original” (FREUD, 1996d, p. 188). A mulher, ferida no seu narcisismo, tem o seu amor próprio diminuído, buscando no amor e no amado aquilo que lhe falta. Ser amada é o que vai reestabeler seu amor próprio, elevar sua autoestima e dignificar seu ser no mundo.

Daí é devastadora a angústia diante da ameaça de perdê-lo, a ele mesmo, o seu amor, o amor a ela dirigido e exigido de seu parceiro. Na clínica e na vida, ouvimos de

mulheres que amam demais: “Eu só preciso ter certeza que ele me ama, [...] estou aqui porque, por mais que ele e todos me digam isso, me garantam... estou sem garantias, estou perdida; prefiro morrer a perdê-lo”.

A díade perder o amor e morrer está sempre presente no discurso daqueles(as) que amam demais. Marco Antônio Coutinho Jorge, em seu segundo volume de Fundamentos da Psicanálise: de Freud a Lacan (2010), no capítulo “O amor e a morte”, trata da relação antitética entre amor e morte. É nessa dimensão que podemos pensar então a clínica da separação amorosa, o que entra em jogo diante da perda amorosa: a morte! Destacamos, especialmente nas mulheres, o desejo de morte pela perda do amor. Dessa captura, porém, os homens também não estão fora: são igualmente reféns do amor, na medida em que o amor feminiliza.

A respeito da dissimetria entre a forma de amor do homem e a da mulher, Malvine Zalcberg ressalta que homens e mulheres não entram da mesma forma na relação sexual, já que “[...] a mulher é uma feticista do amor [...]” (2007, p. 34), é amante do amor, venera-o, exalta-o, carece dele e é, sem dúvida, sua refém. Por isso mesmo, perder o amor é uma tragédia feminina.

Diante desse impasse, Colette Soler recorre ao ensino de Jacques Lacan, que procurou uma expressão para designar a dissimetria entre os parceiros de cada um dos dois sexos: “Enquanto ele falava, com respeito ao homem, em mulher-sintoma, não encontrou coisa melhor, do lado da mulher, do que devastação ou aflição; o homem-devastação” (2005, p. 184).

Em um seminário dedicado ao tema da angústia (LACAN, 2005), Lacan conclui que, na mesma medida em que o sintoma é um sinal do sujeito, a angústia é um sinal do objeto. Se o homem, frente ao amor e à mulher, faz sintoma (ou seja, tem uma posição de sujeito); a mulher, diante do amor, sofre de angústia (ou seja, é da posição de objeto que a mulher vive o amor). Para a mulher, o sofrimento amoroso (ou o amar demais, como se diz) decorre dessa posição de objeto na relação de amor, uma vez que, quando se está como objeto, se está no lugar do resto, da devastação, da submissão e da degradação pelo grande Outro, mesmo que ele não a coloque nesse lugar.

A mulher é amada pelo homem como ele ama a si mesmo, a partir do próprio narcisismo, por isso ele pode tomá-la como objeto idealizado sem ficar devastado. Já para a

REVISTA PSIQUE, Juiz de Fora, v.1, n.1, p.62-69, jan./jul. 2016

mulher, em função de sua ferida narcísica frente à constituição fálica (ser castrado / não ser castrado), tomar o homem como objeto idealizado conduz à devastação e a esse modo de gozo: “amar demais”, que é, na realidade, um pedido “me ame”, “mostre-me que há valor em mim”, “falicize-me”.

Em virtude disso, o amor das mulheres, como demonstra Colette Soler, costuma ser “ciumento e exclusivo” (2005, p. 56), na medida em que demanda o próprio ser, chegando, “[...] em seus momentos de plenitude recíproca, [a produzir] como que um apagamento temporário do efeito de falta-a-ser” (2005, p. 56). Nesse sentido, quando a mulher demanda ao homem que “[...] o ato sexual seja envolto em amor, e ato num amor único, a mulher está pedindo, de fato, que a assegurem como sujeito de sua sustentação fálica” (2005, p. 185).

Com efeito, em maior ou menor grau, o feminino está apenso a “[...] uma lógica de absolutização do amor, que empuxa para um busca insaciável do Outro”. Daí os esforços das mulheres, às vezes absurdos, para elevar seu homem, “[...] para que ele se preste, nem que seja um pouquinho, à confusão com Deus, como diz Lacan no seminário *Mais, ainda*” (SOLER, 2002, p 185).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é importante ressaltarmos a possibilidade **de o** encontro amoroso ou, como escreve Freud, de um “comportamento amoroso normal” (1996a, p. 185) prevalecer, quando as correntes afetiva e sensual não malogram em sua união, permitindo que a libido escoe em direção ao seu objeto.

A nós, psicanalistas, cabe ouvir um a um, em sua forma única de amar demais, pois, no amor, o sujeito demanda sempre mais... ainda.

FEMMES QUI AIMENT TROP: QUAND L'AMOUR FAIT MAL

RÉSUMÉ

L'idée que les femmes aiment trop, qu'ils soient les victimes préférentielles de la souffrance d'amour, c'est présente tellement dans la culture et dramaturgie populaire comme dans le travail de certains de nos romanciers les plus grands et des poètes. Le féminin et l'amour, des thèmes fréquemment visités par Freud le long de tout son travail,

REVISTA PSIQUE, Juiz de Fora, v.1, n.1, p.62-69, jan./jul. 2016

ils étaient, également avec intérêt, repris à l'enseignement de Lacan et dans les œuvres des psychanalystes contemporains remarquables. Nous avons choisi, dans cet article, pour une route que, sauvant la deuxième contribution freudienne à la psychologie de l'amour, nous aider à comprendre la solution donnée par Lacan, en termes homme-symptôme et femme-dévastation, au problème de l'asymétrie parmi les formes masculines et féminines d'amour et de la dévastation des féminins dans l'amour, la position fréquemment occupée pour les femmes, mais pas seulement pour les femmes.

Mots-clés: Dévastation. Féminin. Dégradation. Aimer trop.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. In: _____. **Cinco lições de Psicanálise; Leonardo DaVinci; Outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996a, p. 185-192. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. XI).

_____. O instinto e suas vicissitudes. In: _____. **A história do movimento psicanalítico; artigos sobre metapsicologia; outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996b, p. 137-166. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. XIV).

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. **A história do movimento psicanalítico; artigos sobre metapsicologia; outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996c, p. 39-221. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. XIV).

_____. Conferência XXXIII: feminilidade. In: _____. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise; Outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996d, p. 139-167. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. XXII).

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise: de Freud a Lacan.** (vol. II). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

LACAN, Jacques. **O seminário.** Livro 10: A Angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

ZALCBERG, Malvine. **Amor paixão feminina.** São Paulo: Elsevier, 2007.